

A relação forma – significado em morfologia

Maria do Céu Caetano

Abstract: With this short paper I intend to contrast two of the main morphological analysis models, i.e. the structuralist model (cf. Bloomfield 1933) and the generative model (cf. Aronoff 1976), comparing the two perspectives of analysis, one fundamentally methodological and other mainly theoretical, which still today are under discussion.

Neste pequeno trabalho, passarei em revista alguns dos principais aspectos de dois modelos de análise morfológica, i.e. o estruturalista (distribucionalismo) e a morfologia generativa, tentando evidenciar o tratamento que é conferido à relação entre forma e significado.

1 – Estruturalismo

(Distribucionalismo)

Quando se deu início ao estudo de línguas, para a época “exóticas”, línguas de África, da Ásia e do Novo Mundo, as primeiras impressões foram de que haveria diversidade a mais. Para tentar dar conta de toda esta diversidade era necessário desenvolver um método rigoroso, baseado em aspectos concretos e daí o surgimento do método distribucionalista. Aparentemente, o que terá causado maior surpresa, dentro da imensa variabilidade, terá sido a forma como as palavras se estruturavam, surgindo, assim, o estudo da estrutura interna das

palavras, i.e. a morfologia (moderna), termo que à letra significa, como se sabe, o estudo das formas.

Na obra de Bloomfield (1933) e noutros estudos que se lhe seguiram, o morfema é considerado a unidade mínima portadora de significado e, além disso, é o elemento básico de análise em morfologia. Em Bloomfield (1933) encontram-se os fundamentos para o tipo de análise baseada na noção de oposição e no estudo da distribuição dos elementos linguísticos. Segundo a definição deste autor, o morfema é, por um lado, uma combinação de sequências fonológicas e, por outro, uma unidade de sentido, ou seja, “uma forma linguística que não apresenta semelhanças fonético-semânticas com qualquer outra forma” (Bloomfield 1933: 161). São estas unidades indivisíveis, de conteúdo semântico ou de função gramatical, que constituem as palavras, neste quadro teórico. Cada uma destas unidades mínimas significativas tem uma forma física

(fonética e fonológica), ou seja, cada morfe diferente representa um morfema.

Em Bloomfield (1933), os morfemas classificam-se, quanto à natureza da sua significação, em morfemas lexicais e em morfemas gramaticais ou morfemas funcionais. Estes últimos têm como função principal assinalar relações gramaticais, como, por exemplo, os morfemas de número ou de tempo, ao passo que os primeiros são sobretudo relevantes pelo seu conteúdo semântico. Há morfemas que, por vezes, coincidem com o que geralmente designamos por palavras, mas outros não; os morfemas podem, então, ser potencialmente livres ou presos, conforme podem, por si só, constituir ou não, respectivamente, uma palavra.

Neste modelo, também conhecido por Item and Arrangement (IA), em português Unidade e Distribuição, supõe-se que todo o enunciado está integrado nos seus constituintes últimos por morfemas numa determinada distribuição mútua (cf. Hockett 1954). A análise linguística consiste, pois, em tomar um determinado enunciado e em decompô-lo nos seus constituintes imediatos em sucessivas etapas de análise até chegar

à delimitação das unidades significativas mínimas. O resultado final da análise dará uma lista de morfemas concatenados numa determinada ordem, que será a estrutura linguística do enunciado, entendida como estrutura distribucional dos morfemas que o integram. As relações que os morfemas e os morfes estabelecem no interior da palavra são, portanto, de tipo sequencial ou linear, analisando-se, por exemplo, uma palavra complexa como *realinhamento* do seguinte modo: *re-* + *a-* + *linha* + *-mento*.

Na tradição do estruturalismo americano, o léxico era visto como contendo unicamente informação idiossincrática, “an appendix of the grammar, a list of basic irregularities” (Bloomfield 1933: 274), assumindo-se que todas as palavras que podem ser regularmente analisadas não devem ser listadas no léxico. Assim, só as palavras em que a correspondência forma – significado é irregular é que devem fazer parte do léxico.

Em resumo, segundo este modelo, a descrição da gramática de uma língua reduz-se a duas etapas sucessivas que consistem em delimitar os morfemas e em descrever a sua distribuição mútua dentro do enunciado.

2 - Morfologia Generativa

Neste segundo modelo, o objectivo de uma teoria morfológica consiste em determinar as regras que regem os processos de formação de palavras e o lugar adequado onde tratar os ditos processos é, para alguns, na componente léxico.

As primeiras teorias lexicalistas da morfologia iniciaram-se com os “Remarks on nominalization” (cf. Chomsky 1970), artigo que contribuiu para que se abdicasse da concepção de que os processos morfológicos regulares deveriam ser tratados pela sintaxe e pela fonologia, como na teoria Standard (cf. Chomsky 1965), em que os vários aspectos da morfologia (flexão, derivação, composição) eram tratados pelas transformações sintácticas, e que viria a dar origem às Hipóteses Lexicalista Forte e Fraca (cf., por exemplo, Scalise & Guevara 2005)¹.

Em "Prolegomena to a theory of word formation", Halle (1973) sublinhou a necessidade de conferir um tratamento autónomo à derivação. O modelo de

Halle (1973) baseia-se no morfema como unidade mínima e básica da morfologia: o autor parte do princípio que o léxico contém uma lista de morfemas que são o *input* das RFP². Os falantes nativos têm acesso a um repertório de morfemas (bases, radicais, afixos) que agrupam para formarem derivados e compostos, seguindo as regras específicas de formação de palavras. Estes agrupamentos seguem uma ordem determinada. Por exemplo, *inevitavelmente* não pode ser agrupado como **in- + -vel + evita- + -mente*. Por isso, segundo Halle (1973), uma tarefa importante ao nível das RFP é especificar as sequências em que os morfemas se organizam, de modo a excluir concatenações impossíveis. Uma vez que estas regras tanto podiam gerar qualquer combinação possível de base e afixos (ex. *pagamento*), como dar origem a palavras do tipo de *°pagação*, Halle (1973) concebe um filtro contendo as excepções, permitindo assim prever, na sua

¹ A Hipótese Lexicalista Forte defende que a morfologia abarca tanto a Flexão como a Formação de Palavras, ao passo que na Hipótese Lexicalista Fraca a Flexão não é tratada, por se achar que é um processo que diz respeito à Sintaxe e/ou à Fonologia.

² O modelo de Halle (1973) estipula dois tipos de Regras de Formação de Palavras: o primeiro tipo permite a combinação de morfemas a radicais para formar palavras, enquanto o segundo tipo dá conta das palavras morfológicamente complexas que se originam a partir de bases. Algumas RFP também compreendem informação semântica.

opinião, todos os derivados possíveis. Este modelo, entre outros aspectos, foi criticado por, como vimos, se basear em regras que em muitos casos geram palavras não existentes, sendo pouco económico, e também pelo poder excessivo do "filtro", destinado a resolver arbitrariamente todas as sobregeneralizações. No entanto, quase todos reconhecem a Halle (1973) o mérito de ter realizado uma das primeiras tentativas para tornar a morfologia uma subcomponente autónoma, por ter aplicado uma teoria morfológica ao léxico e, também, por ter abordado o problema das estruturas morfológicas possíveis mas não existentes. Halle (1973), implicitamente, assume que os falantes, para além de distinguirem as palavras da sua língua, possuem competência para decompor uma palavra morfológicamente complexa nos elementos que a constituem, atribuindo a cada um um significado. As "cranberry words", palavras apontadas por Aronoff (1976) como sendo formadas com o elemento *cran-*, o qual parece ter o estatuto de morfema, mas a que é difícil atribuir um significado, os morfemas amalgamados, a realização de um morfema por diferentes morfemas, os

morfemas que não têm um significado constante (veja-se por exemplo, em português, o sufixo *-eiro*, em palavras como *galinheiro*, *sapateiro* e *chuveiro*) e, ainda, as palavras complexas em que não existe composicionalidade, são casos em que, segundo o autor, a correspondência entre forma e significado suscitam dúvidas.

Assim, por considerar que nem sempre é possível determinar com exactidão o significado de um morfema, Aronoff (1976)³ propõe a palavra enquanto unidade básica de análise em morfologia, visto que, segundo afirma, só ao nível da palavra (unidade mínima com autonomia sintáctica) é que existe uma relação estável entre forma e significado. Daí que uma das primeiras objecções de Aronoff (1976) ao modelo de Halle se prenda com o facto de este se basear em morfemas.

Também contrariamente ao modelo de Halle (1973), o de Aronoff (1976) restringe-se à morfologia derivacional: os afixos juntam-se às palavras através de regras produtivas de formação de palavras e só são listadas no léxico as palavras morfológicamente complexas que não são formadas por processos

³ Posição idêntica pode ser encontrada em Booij (2001).

regulares e produtivos. Ou seja, tal como em Bloomfield (1933), o léxico não contém as palavras que podem ser formadas por regras produtivas de formação de palavras.

À semelhança das regras de Halle (1973), as regras preconizadas por Aronoff (1976) definem as propriedades sintáticas e semânticas dos seus produtos. Ao limitar a aplicação das regras às palavras existentes e às formações produtivas, Aronoff (1976) evita, em parte, as sobregeneralizações geradas pelo modelo de Halle (1973). Contudo, ao dar-se conta que mesmo as regras produtivas podem gerar palavras não existentes (por exemplo, *°gloriosidade*), introduz o conceito de bloqueio, baseando-se na não ocorrência de sinonímia pura no léxico.

Bloqueio designa em Aronoff (1976: 42) o fenómeno da não ocorrência de uma forma devido ao facto de já existir outra a desempenhar a mesma função. Por exemplo, em português, a não ocorrência da palavra *°gloriosidade*, gerada, hipoteticamente, a partir de *glorioso* (cf. por exemplo, *fogosidade*, de *fogoso*), deve-se à existência da

palavra *glória*⁴. O conceito de bloqueio vem demonstrar que uma regra de formação de palavras difere de uma regra sintáctica num aspecto importante: nem todas as palavras resultantes da aplicação dessa regra são aceites.

Para Aronoff (1976) e outros morfólogos generativistas os elementos das palavras complexas são representados através de uma estrutura hierárquica, dando conta da sua junção em etapas sucessivas. Assim, uma palavra como, por exemplo *realinhamento*, será analisada do seguinte modo:

1. $linha_N + -ar_{SufV} \rightarrow °linhar_V$
2. $a_{-Pref} + °linhar_V \rightarrow alinhar_V$
3. $re_{-Pref} + alinhar_V \rightarrow realinhar_V$
4. $realinha_{-TV} + -mento_{SufN} \rightarrow realinhamento_N$

Quer a teorização de Halle (1973), quer a de Aronoff (1976), baseiam-se numa descrição sincrónica, apesar de o segundo autor, nalguns casos, ter necessidade de recorrer a explicações históricas, sobretudo ao tratar a questão da produtividade, a qual

⁴ Mesmo no caso de *gloriosidade* e *glória* virem a co-ocorrer, não serão, de acordo com Aronoff (1976), sinónimas.

considera ser "one of the central mysteries of derivational morphology" (Aronoff, 1976: 35) e, na realidade, um dos principais problemas da teorização de Aronoff (1976) consiste em determinar a produtividade de uma RFP, problema que, minha opinião, só viria a ser resolvido por Bauer (2001), quando procedeu à divisão da produtividade em dois mecanismos distintos e independentes: a disponibilidade ("availability") e a rentabilidade ("profitability"), dizendo a primeira respeito ao sistema e a segunda à norma. Os processos de formação de palavras ou estão disponíveis ou não, mas o facto de estarem disponíveis não se traduz necessariamente numa forte rentabilidade. Por outro lado, uma rentabilidade significativa implica sempre uma forte disponibilidade, sendo esta última o factor essencial que contribui para a produtividade de um determinado processo. Deste modo, Bauer (2001) defende que a produtividade, na acepção de disponibilidade, é absoluta, enquanto Aronoff (1976) tem uma visão escalar da produtividade.

Conclusões

Na morfologia generativa, as RFP servem não só para dar conta das palavras complexas composicionais, como acontecia no modelo distribucionalista, mas também e sobretudo para gerarem novas palavras, formadas por processos regulares e produtivos.

A principal crítica que faço aos dois modelos aqui apresentados, nas versões de Bloomfield (1933) e de Aronoff (1976), é o facto de não terem em conta dados relativos a estados anteriores da língua.

Se a formação de palavras é uma subcomponente do léxico e este é tido como a componente linguística onde a mudança pode ser observada de forma mais evidente, dificilmente se entende por que é que estes e a maior parte dos modelos de análise morfológica não dispõem de mecanismos que integrem de forma adequada a dimensão temporal, não permitindo, por exemplo, o estudo das alternâncias sufixais (cf. Caetano 2003). Ao estudar-se dados morfológicos relativos a uma fase passada e ao observar-se que alguns mecanismos derivacionais se perderam, enquanto outros foram adquiridos, é imprescindível a explicação (ou pelo

menos tentativas de explicação) dessas mudanças (de ordem fonológica, morfológica, semântica, etc.), pois só desse modo se poderá evidenciar o dinamismo das relações derivacionais, permitindo uma associação entre forma e significado e entre presente e passado.

Referências Bibliográficas

Aronoff, Mark. 1976. *Word Formation in Generative Grammar*. Cambridge (Massachusetts): MIT Press.

Bauer, Laurie. 2001. *Morphological Productivity*. Cambridge: Cambridge University Press.

Bloomfield, Leonard. 1933. *Language*. New York/ Chicago/ San Francisco/ Toronto: Holt, Rinehart & Winston.

Booij, Geert. 2001. *The Morphology of Dutch*. Oxford: Oxford University Press.

Caetano, Maria do Céu. 2003. *A Formação de palavras em Gramáticas Históricas do Português. Análise de algumas correlações sufixais*. Dissertação de doutoramento apresentada à Universidade Nova de Lisboa.

Chomsky, Noam. 1965. *Aspects of the theory of syntax*. Cambridge (Massachusetts): MIT Press.

Chomsky, Noam. 1970. “Remarks on nominalization”. In R. Jacobs & Rosenbaum (eds), *Readings in English transformational grammar*. Waltham: Blaisdell.

Halle, Morris. 1973. “Prolegomena to a theory of word formation”. *Linguistic Inquiry* 4-1, pp. 3-16.

Hockett, Charles. 1954. “Two models of grammatical description”. *Word* 10, pp. 210-231.

Scalise, Sergio & Emiliano Guevara. 2005. “The lexicalist approach to Word-formation and the notion of the Lexicon”. In Štekauer, Pavol & Rochelle Lieber (eds) *Handbook of Word-Formation*. Dordrecht: Springer, pp. 147—187.